

A PAIXÃO PELA HISTÓRIA: SABER E COMUNICAÇÃO

ESTUDOS DE HOMENAGEM A MARIA JOSÉ FERRO TAVARES

JOÃO LUÍS CARDOSO, JOSÉ DAS CANDEIAS SALES, ANA PAULA AVELAR [EDS.]

A PAIXÃO PELA HISTÓRIA: SABER E COMUNICAÇÃO

ESTUDOS DE HOMENAGEM A MARIA JOSÉ FERRO TAVARES

JOÃO LUÍS CARDOSO, JOSÉ DAS CANDEIAS SALES, ANA PAULA AVELAR [EDS.]

UNIVERSIDADE ABERTA | LISBOA 2024

TÍTULO

*A PAIXÃO PELA HISTÓRIA: SABER E COMUNICAÇÃO.
ESTUDOS DE HOMENAGEM A MARIA JOSÉ FERRO TAVARES*

CAPA

"Alegoria da História", alusiva à Academia Real da História Portuguesa. Gravura sobre cobre de Pedro de Rochefort, Lisboa, 1739. Reprodução de exemplar do original setecentista. Coleção particular.

EDITORES

JOÃO LUÍS CARDOSO, JOSÉ DAS CANDEIAS SALES, ANA PAULA AVELAR

EDITOR

UNIVERSIDADE ABERTA

COLEÇÃO

CIÊNCIA E CULTURA, N.º 29

PRODUÇÃO

SERVIÇOS DE PRODUÇÃO DIGITAL

IMPRESSÃO E ACABAMENTOS

GRAFICAMARES, LDA

ISBN: 978-972-674-976-9

DOI: [HTTPS://DOI.ORG/10.34627/UAB.CC.29](https://doi.org/10.34627/UAB.CC.29)

D.L.: 540011/24

ANO: 2024

Este livro é editado sob a Creative Commons Licence, CC BY-NC-ND

De acordo com os seguintes termos:

Atribuição - Uso Não-Comercial - Proibição de realização de Obras Derivadas.

Os artigos publicados neste volume são da inteira responsabilidade dos seus autores, incluindo o uso do Acordo Ortográfico de 1990.

1

O CAMINHO DA HISTÓRIA: UM DIÁLOGO COM MARIA JOSÉ FERRO TAVARES

THE PATH OF HISTORY: A DIALOGUE WITH MARIA JOSÉ FERRO TAVARES

Maria Alexandra Trindade GAGO DA CÂMARA
ID: 0000-0003-1423-9824
[UAb / CHAIA – INT2PAST]
matgc@uab.pt

RESUMO

Reflexos de um olhar sobre a história do mundo medieval, o de Maria José Ferro Tavares, este texto assenta numa conversa que pretende cruzar interesses pessoais, académicos e da experiência de um quotidiano de prática e ofício de historiador.

A ideia de realizar uma entrevista no contexto deste livro de Homenagem prende-se não só com o contacto desde algum tempo estabelecido com a homenageada, com o sentido mais informal de descobrir e desvendar os interesses e a sólida experiência da Autora, sendo deste modo e só por si um testemunho de vida universitária e um percurso pela História Medieval em Portugal.

Palavras-chave: Maria José Ferro Tavares; Universidade Aberta; História Medieval; Historiografia.

ABSTRACT

This text, which reflects Maria José Ferro Tavares's view of the history of the medieval world, is based on a conversation that sought to combine personal and academic interests with the experience of a historian's daily practice and craft.

The idea of conducting an interview in the context of this book of homage is not only linked to the long-standing contact with the honorees, but also in a more informal sense of discovering and revealing the author's interests and solid experience, and is thus in itself a testimony of university life and a journey through medieval history in Portugal.

Keywords: Maria José Ferro Tavares; open university; medieval history; historiography.

Distinguindo-se como uma das mais importantes e reputadas historiadoras do período medieval, Maria José Ferro Tavares abriu, ao longo de vários anos, novas perspectivas sociais, materiais e económicas sobre o entendimento do universo da História medieval portuguesa. Como temas de investigação tem trabalhado temáticas como a assistência, pobreza e morte em Portugal, o estudo das minorias étnico-religiosas e a moeda medieval.

A sua obra está na base dos *currícula* das disciplinas dos cursos de História, persistindo a sua importância no ensino e nas práticas historiográficas sobre a Idade Média.

A sua obra assume-se como matriz fundamental na formulação e discurso dos problemas e do debate científico sobre a época medieval no nosso país.

E é essa a razão para a presente entrevista...

A fim de organizar esta nossa conversa¹, decidi apresentar-lhe alguns tópicos, sobre assuntos em que gostaria de a ouvir, tais como o seu testemunho dos caminhos percorridos pela História Medieval em Portugal, por vivências e amizades pessoais, por encontros e experiências de grandes mestres, pelo tempo da Universidade Aberta e, por fim, pelo ensino da História hoje e no mundo da História Digital.

MATGC – Prof^a Maria José Ferro Tavares, agradeço-lhe a sua disponibilidade em aceitar o convite para esta conversa. E começo pelo início... A opção do caminho da História e da licenciatura que fez na Faculdade de Letras de Lisboa foi tomada cedo? Quais eram os seus interesses nos anos de estudante da Faculdade de Letras e como nasceu o gosto pela História Medieval Portuguesa?

MJFT – Todos nós somos como o barro que se vai moldando com as mãos do oleiro... O meu interesse pelos Judeus e pela Inquisição bebi-o em família com as leituras da *Vida Mundial*, revista semanal de *O Século*, jornal que o meu avô costumava comprar. Os temas do Holocausto chocavam-me e interrogavam-me desde os meus 10 anos... O meu pai, amante da História apesar de ser militar, comprava na altura os livros de uma coleção editada pela Bertrand, “Para que a memória não esqueça”. Os assuntos eram invariavelmente temas sobre os campos de concentração e a morte de milhares de pessoas cujas vidas foram destruídas de forma tão abominável... Era necessário que a memória não esquecesse... Já no secundário a leitura da História da Inquisição de Herculano foi o meu “prato forte” e marcou-me, sem dúvida alguma.

No ano letivo de 1968-69 entregava a minha tese de licenciatura. Enquanto os meus colegas, acabado o 5.º ano do curso, mesmo com 10 valores de média, tinham sido colocados em Lisboa, eu ficara desempregada... Claro que fiquei irritada e quis protestar. O meu pai opôs-se e disse para eu acabar a tese. Passei aquele ano na Torre do Tombo e na Biblioteca Nacional, ao mesmo tempo que escrevia e ia levando à Dra. Iria Gonçalves para ela ler. Defendia-a em Julho de 1969. No ano seguinte, comecei a dar aulas no liceu de Oeiras, perto de casa. Adorei.

Falo disto porque tenho a consciência – o meu marido ficaria furioso ao ler estas linhas – de que fui sempre uma “segunda opção”. Acaso, Destino, a mão de Deus como lhe queiramos chamar... No ano em que comecei a dar aulas no liceu, a Professora Virgínia Rau convidou-me para fazer parte do Centro de História e, no ano seguinte, iniciava a minha tarefa como sua assistente eventual, na Faculdade de Letras: Numismática e Epigrafia e as práticas de Paleografia. Fartei-me de trabalhar. Não queria desiludir quem tinha confiado em mim e também não queria perder a oportunidade que me tinha sido oferecida.

¹ Siglas utilizadas: MJFT – Maria José Ferro Tavares; MATGC – Maria Alexandra Trindade Gago Câmara

E os meus alunos marcaram a minha investigação, como assistente: a História Monetária que não era Numismática, mas que entendi ser mais importante para um estudante de História pelas implicações que tem na sociedade e nas mentalidades; as crises do século XIV, com o seu cortejo de pobres, de marginais e de revoltas populares, tendo presente os movimentos no departamento de História após o 25 de Abril; o governo de D. Fernando e o seu casamento com Leonor Teles, a fidalga que estaria bem como amante mas que foi rainha; a morte e a assistência aos pobres; as minorias religiosas, obviamente, porque nunca esqueci os Judeus que a Professora Virgínia Rau tinha deixado que continuasse a estudar como tema de doutoramento. Ou seja, a minha investigação crescia em função dos meus interesses como docente e em função do que estudava e aprendia, sobretudo, com a historiografia francesa.

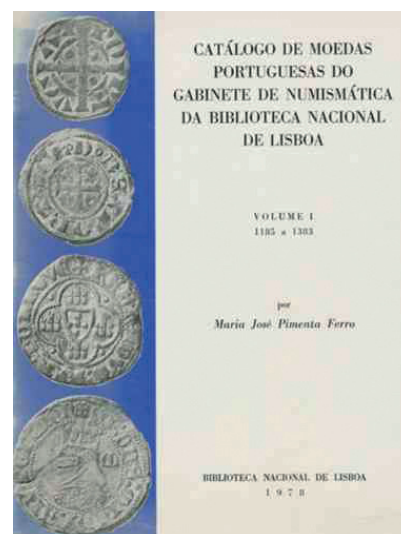


Fig. 1 – Ferro, Tavares Maria José Pimenta. *Catálogo de moedas portuguesas do gabinete de numismática da biblioteca nacional de lisboa*. BNL, 1978.

MATGC – Dos seus mestres de então, costuma destacar Virgínia Rau, entre outros. De que modo cada um deles influenciou na sua maneira de entender a História (Medieval) como disciplina no plano teórico e no da prática metodológica? Que outras personalidades conheceu e gostaria de recordar aqui?

MJFT – Tive a sorte de ter tido professores que me marcaram e, em parte, marcaram o meu percurso académico. Sem desprimor para os demais, não posso esquecer três deles: a Professora Virgínia Rau e a sua assistente Iria Gonçalves e o Professor Borges de Macedo. Aprendi muito com eles e até o meu interesse pelo reinado de D. Fernando se deve a uma pergunta que o Professor Borges de Macedo me fez na prova oral – no meu tempo não havia dispensas de exame final (escrito e oral) – e que volta não volta me vinha à memória: se as crónicas de Fernão Lopes, nomeadamente a de D. João I, não eram propaganda... Para uma estudante do 1.º ano era forte. Não sei o que respondi, mas não esqueci a questão. E, claro, tive de concluir que o exaltamento do primeiro casal da dinastia de Avis tinha como contraponto o apagamento do governo de D. Fernando, que o próprio cronista subliminarmente admirava...

Também não posso esquecer que a Professora Virgínia Rau aceitou a minha proposta de trabalho para a disciplina de História de Portugal I – estudar os Judeus em Portugal. Mandou-me para as *Leges et Consuetudines* e para os Judeus no tempo dos Visigodos. Depois propor-me-ia o tema para tese de licenciatura. E foi assim que a bola de neve do Acaso se começou a desenrolar...

O Centro de História era o cadinho de todas estas aprendizagens graças à biblioteca que tinha, às conversas e discussões sobre os avanços da investigação de cada um, às conferências feitas por historiadores de renome, a maioria pertencente à Escola dos *Annales*. Assim, conhecemos Braudel, Isaac Révah, Michel Mollat, Peter Russell, Emilio Saez, Benito Ruano e outros cujos nomes não recordo. Logo no meu primeiro ano, a Professora Virgínia Rau entendeu que todos devíamos participar nas Jornadas Luso-Espanholas sobre as Ordens Militares... Completava esta atividade a Revista do Centro, *Do Tempo e da História*.

MATGC – A Professora entrou na Universidade Nova entre finais de 80 e inícios de 90 tendo sido presidente do Conselho Científico do Departamento de História da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas em 1992-93. A “Nova” estava com uma dinâmica extraordinária. Que vivências recorda desse tempo?

- MJFT – Com o falecimento da Professora Virgínia Rau e o caos que se instalou no Departamento de História da Faculdade de Letras de Lisboa, após Abril de 1974, fui obrigada a escolher um medievalista para meu orientador. Nessa altura, o Professor Oliveira Marques tinha regressado a Portugal, assim como o Professor Magalhães Godinho. Apesar do meu interesse pela História da Moeda e pela História Económica e Social fui procurar o Professor Oliveira Marques que conhecia mal, mas fora meu professor durante três meses. Aceitou ser meu orientador mas quis que o meu doutoramento fosse sobre história monetária, assunto que acabaria por ser a tese complementar pois a informação documental não dava para escrever centenas de páginas... E, assim, os Judeus continuaram a ser o meu tema forte... Deste contacto surgiu o convite em 1978, para fazer parte do grupo de docentes que ia trabalhar no curso de História da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, onde já estavam os Professores José Mattoso e António Augusto Tavares. O objetivo era inovar o ensino e a investigação histórica, ao mesmo tempo que se iniciava a publicação das chancelarias reais.
- O curso de História foi durante muitos anos a primeira opção, a nível nacional, dos estudantes que queriam obter a sua licenciatura nesta área científica. Tinha um grupo de professores de craveira internacional, sem dúvida alguma, a que se juntavam Magalhães Godinho, José Augusto França, Silva Dias, Alexandre Gusmão, aos nomes acima indicados.
- Iniciou-se uma tentativa de reforma curricular da História, muito marcada pelas orientações da Escola dos *Annales* e da Nova História, onde se integravam as mentalidades, a psicologia social, a sociologia, a arte que se foram autonomizando assim como a arqueologia. Novos cursos foram surgindo como o de Sociologia, o primeiro a ser autónomo, o de História de Arte e, por fim, o de Arqueologia.
- No élan que se procurava dar aos novos cursos, nomeadamente aos Mestrados, a Faculdade investia em novos nomes que iam fazer conferências como Jacques Heers, Le Goff, entre outros, na componente medieval, ou em novas áreas como a História Antiga. Para o efeito, convidavam-se especialistas da Sorbonne e da *École des Hautes Études* como Jean Perrot, Pierre Amiet, Pascal Vernus, entre outros.
- MATGC – Fui sua aluna há 40 anos na Universidade Nova, e também recorro bem estes tempos. Integrei o primeiro curso da variante de História de Arte, um projeto curricular novo e ambicioso.
- Colaborou com a Universidade de Évora na criação do curso de História, tendo igualmente ali lecionado nos cursos de licenciatura e mestrado nos finais dos anos 80 do século XX. Que lugar teve esta cidade no seu caminho, quer de investigação, quer também de vivência universitária?
- MJFT – Colaborei com a Universidade de Évora, juntamente com António Augusto Tavares, David Justino e Esteves Pereira. Saí em 1989, quando aceitei o convite do Prof. Rocha Trindade para colaborar com a Universidade Aberta.
- Todas as cidades têm a sua história. São como um livro que se abre, se começa a ler e não tem fim, porque este está ainda em construção. Évora e Lisboa são duas cidades fascinantes que se lêem nas pedras das suas calçadas, na memória das suas ruas e dos diferentes estilos da sua arquitetura.
- Se Lisboa foi a cidade onde nasci, Évora é a cidade do meu coração. Ela vive a História no interior das suas muralhas e no dourado e verde da planície que a circunda, de onde em onde, pontado pelo casario de um monte alentejano. Fiquei feliz quando tomei conhecimento da sua escolha para “capital europeia da cultura”, título e honra há muito merecido.
- MATGC – Évora será em 2027 – Capital Europeia da Cultura, iniciativa que coloca o Alentejo numa dimensão local e internacional? Poderá trazer este acontecimento novas dinâmicas para o território, ligando o passado ao presente?

- MJFT – Fiquei feliz quando tomei conhecimento da sua escolha para “Capital Europeia da Cultura”, título e honra há muito merecido.
Sendo um museu aberto, Évora é um polo de desenvolvimento do turismo cultural que poderá estender-se a outros concelhos, cidades e vilas suas vizinhas, como Elvas, Castelo de Vide e Marvão, na raia alentejana, ou Estremoz, Alvitto e Viana do Alentejo, por exemplo. Dentro do projeto do turismo cultural poderia ser englobada Olivença com o seu rico património manuelino e em azulejaria bem portuguesa.
- MATGC – Chegamos agora ao *tempo* da Universidade Aberta onde nos voltámos a encontrar. Foi diretora da Unidade de Ensino a Distância, vice-reitora e reitora desta universidade entre 1989-2006. Quais foram aqui os seus projetos de eleição?
- MJFT – Apaixonei-me pelo ensino a distância e pelas hipóteses que ele oferecia aos Portugueses. Uma nova metodologia de ensino, a abertura do ensino superior independentemente do lugar onde o estudante estivesse, pareceu-me um sonho que se podia tornar realidade. Era a divulgação da língua e da cultura portuguesas a nível global, ou seja, onde houvesse um Português ou alguém interessado pela cultura lusófona. A RTP com o seu canal RTP Internacional dava essa possibilidade antes do impulso dado à internet e ao digital na divulgação da cultura. Mas, tudo dá muito trabalho e os sonhos pertencem a quem os sonha...
- MATGC – A Professora integrou e dirigiu o Centro de Estudos Históricas e Interdisciplinares da Universidade Aberta, com encontros regulares e que teve o mérito de reunir os docentes de História, apresentando as suas investigações e os seus projetos. Neste contexto, recorda-se das *Jornadas Inter e Pluridisciplinares sobre a Cidade* organizadas pela Universidade Aberta no Auditório da Biblioteca Nacional, em 1992, de que se publicaram as respectivas actas, em dois volumes. Foi uma experiência bastante enriquecedora, onde se cruzaram olhares e diferentes perceções sobre a cidade. Três anos depois, em 1995, realizaram-se também as *Jornadas Interdisciplinares Poder e Sociedade*, na Universidade Aberta, de que se publicaram também, mais tarde (1998), dois volumes de Actas.



Fig. 2 – A cidade : jornadas inter e pluridisciplinares: Actas II – Coord. Maria José Ferro Tavares, Universidade Aberta, 1993.

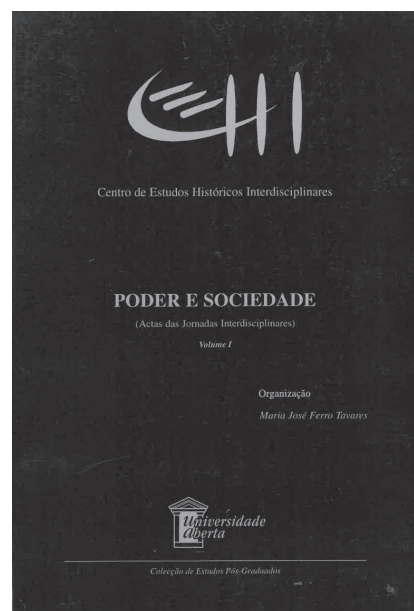


Fig. 3 – Poder e Sociedade : Jornadas Interdisciplinares: Actas I – Org. Maria José Ferro Tavares, Universidade Aberta, 1998.

MJFT – Surgiu a hipótese de criação do Centro de Estudos Históricos Interdisciplinares e da respetiva Revista *Discursos. Língua, Cultura e Sociedade* com temas em que todos pudessem participar e publicar, no meu primeiro mandato como reitora da Universidade Aberta. Sob a minha Direcção, ao ritmo de um por ano, publicaram-se seis números.



Fig. 4 – Revista *Discursos. Língua, Cultura e Sociedade* – números 1-6. Lisboa: Universidade Aberta, 1999-2025.

Assim surgiram igualmente os colóquios desde a Cidade à História do Clima e da Evolução Geohistórica do Litoral Português, o primeiro realizado em Portugal sobre esta temática com a colaboração da Universidade do Algarve, e outros, como os dedicados à Arqueologia e História Regional da Península de Setúbal e aos Fenícios. Mas nem todos estavam interessados... porque o sonho de uns não significa que também o seja de outros...

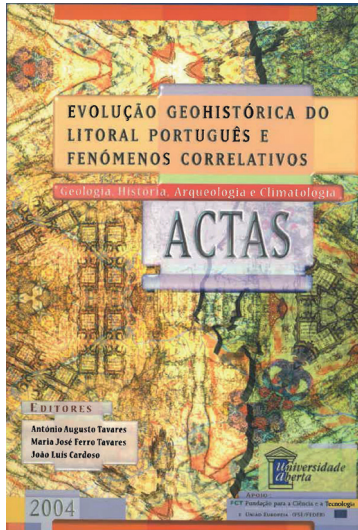


Fig. 5 – *Evolução geohistórica do litoral português e fenómenos correlativos: actas.* António Augusto Tavares, Maria José Ferro Tavares, João Luís Cardoso [Eds.]. Lisboa: Universidade Aberta, 2004.

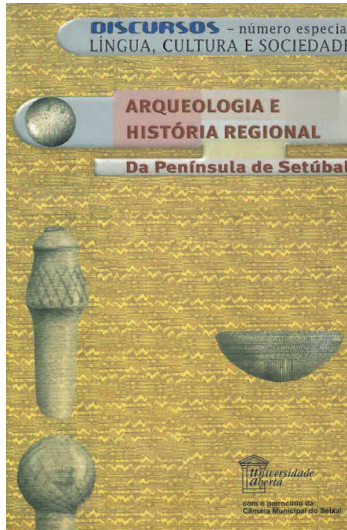


Fig. 6 – *Arqueologia e História Regional da Península de Setúbal.* António Augusto Tavares, Maria José Ferro Tavares, João Luís Cardoso [Orgs.]. Lisboa: Universidade Aberta, 2001.

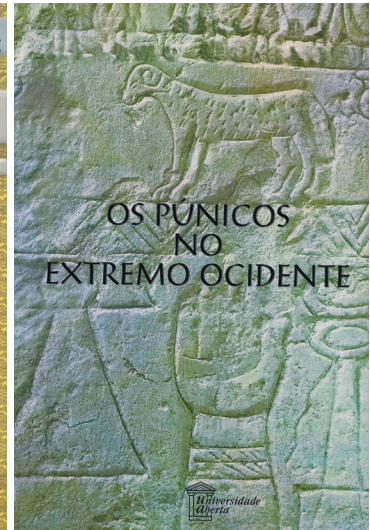


Fig. 7 – *Os Púnicos no Extremo Ocidente. Actas do colóquio organizado na Universidade Aberta, em Outubro de 2000.* António Augusto Tavares, João Luís Cardoso [Orgs.]. Lisboa: Universidade Aberta, 2001.

MATGC – O facto fundamental para se conhecer a essência de um aglomerado populacional urbano é o seu lugar e a sua estratificação de "tempos". Concorda com esta ideia? Qual o tempo e momento histórico que mais a fascina em Lisboa, cidade de que é natural? e qual o acontecimento que mais a marcou na vivência desta cidade?

MJFT – Lisboa é a cidade da minha infância e dos meus tempos de estudante. Recordo com uma certa nostalgia a Lisboa de ontem com os carros eléctricos abertos, os chamados “carros operários” que circulavam do Cais do Sodré até Dafundo entre as 6h e as 8h da manhã, os pregões desde a “fava rica” às varinas que nas suas canastras vendiam o peixe fresco, ao leiteiro e ao padeiro, os tronos de Santo António, ladeados por vasos de manjericos, a decorarem as portas da rua ou o vão das escadas.

Lisboa sempre viveu para o Tejo e para o mar. Quer queiramos, quer não, os descobrimentos marítimos marcaram-na, transformando-a numa cidade de múltiplas e variadas gentes, línguas e culturas. Uma cidade multicultural mais do que intercultural...ontem como hoje. Talvez por isso seja a zona ribeirinha aquela que recordo, desde o Terreiro do Paço à Torre de Belém, sem esquecer os pastéis de Belém ou os pastéis de cerveja, passando pelas Janelas Verdes e o seu museu ou pela Baixa pombalina, onde



Fig. 8 – Panorâmica de Lisboa a partir do rio Tejo, com o cais das colunas e a praça do Terreiro do Paço em primeiro plano.

podíamos passear em família, a pé, jantar num restaurante e ir ao cinema ou ao teatro. A cidade que recordo desapareceu hoje, mas mesmo tendo desaparecido, Lisboa é a cidade mais bela vista do mar ou vista de um avião..

MATGC – As ferramentas digitais alteraram hoje a forma como percebemos e transmitimos o passado e subentendemos a realidade que nos rodeia. Como sente o ensino da Universidade hoje? O que pode dizer agora a um estudante que termina o secundário que quer fazer uma Licenciatura em História. Que conselhos lhe daria?

MJFT – Não é fácil responder, tanto mais que a História tem sido tão maltratada no ensino secundário que até admira que um(a) jovem a queira estudar. Mas, é verdade que novos estímulos podem ser encontrados para aguçarem a curiosidade dos jovens, como os filmes e romances históricos, agora em voga, a arqueologia e a arte ou até a banda desenhada e a designada história digital. A História é saber, conhecimento e é comunicação. Ou seja, a História não existe se não houver conhecimento seguro e empatia na sua transmissão. Se não houver estas qualidades comunicacionais, será certamente aborrecida para a generalidade das pessoas que a identificam com “empinango”, mera memorização sem compreensão.

Assim, eu diria que quem quiser tirar uma licenciatura em História, tem de amar esta ciência, tem de amar a Humanidade e a sua evolução no tempo e no espaço, pois é disso que ela trata. Ela ensina-nos a compreender o presente a partir do passado. Ela é necessária para compreendermos os povos, as instituições e os seus símbolos.

Mas, acrescentaria: se quiser enriquecer... não conte com a História... Em Portugal, as saídas profissionais – embora agora sejam mais diversificadas do que no meu tempo – pertencem maioritariamente à área do ensino. Hoje, o grupo de docência incide na área da História, antes associada à Filosofia ou à Geografia. No entanto, a licenciatura em História ou nas suas variantes Arqueologia, História de Arte a que acrescento Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia permite outras saídas profissionais em Câmaras Municipais, Arquivos nacionais, municipais, diocesanos, Museus, etc para além de permitir uma bagagem cultural útil para cada um compreender o mundo atribulado em que vivemos e nos é transmitido pela comunicação social e que a torna tão importante para complementar, na função de consultora/comentadora, as notícias mundiais.

Em suma, o mundo da História é apaixonante e tal facto é visível na transmissão dos canais digitais televisivos, na produção de *ebooks* onde a escrita interage com a imagem e o som. Ou seja, a nova História não se inibe do uso de novos suportes ... e permite ensinar, transmitir o conhecimento de uma maneira lúdica, como já o salientava Marc Bloch, a que não é estranha a própria banda desenhada, desde os Astérix e Obélix ao Sapiens de Yuval Arari... E, porque não, jogos de computador... tão queridos aos adolescentes e jovens, sem esquecer os graúdos...

Portanto, a(o) estudante que queira tirar o curso de História deve deixar-se apaixonar e comunicar a sua paixão pela Humanidade. Eu não estou arrependida.

MATGC – Muito obrigada pelo seu testemunho e disponibilidade, recordando um caminho e um percurso que seguramente não acaba nesta *conversa*...